



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O QUE FAZ UM PROFESSOR DE CIÊNCIAS NA CLASSE HOSPITALAR.

UANIA PATRICIA DE SOUZA SANTANA

REGINALDO PEREIRA DOS SANTOS JUNIOR

EIXO: 22. EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Resumo Partindo do pressuposto de que os licenciados em Ciências da Natureza, ao término da graduação, visualizam o exercício da docência apenas nas salas de aula na escola formal, este trabalho é um estudo exploratório que aborda a discussão sobre atuação do professor de ciências nas classes hospitalares na região do nordeste. Dessa forma, por meio de pesquisa literária e empírica, este trabalho aborda este tema, buscando corroborar para a propagação do ensino de ciências e a ampliação de sua esfera de atuação para além dos espaços formais das classes escolares. Seu desenvolvimento foi feito a partir do levantamento do número de classes hospitalares em funcionamento em toda a região do nordeste e da presença de licenciados em ciências lecionando nesse ambiente. A pesquisa teve início em 2014 e já produziu dois artigos, que foram publicados em 2014 e 2015. Ao final conseguimos caracterizar melhor as possibilidades e limites da atuação do professor de ciências nas classes hospitalares. **Palavras – chave:** Classe Hospitalar, Professor de Ciências, Espaço Não Escolar. **Abstract** On the assumption that graduates in Natural Sciences at the end of the graduation, visualize the teaching profession only in the classrooms in formal school, this is an exploratory study that addresses the discussion of science teacher's role in hospital classes in the northeast. Thus, through literature and empirical research, this paper addresses this issue by seeking to corroborate the spread of science education and the expansion of its sphere of activities beyond the formal spaces of school classes. Its development was made from the survey the number of hospital classes running throughout the Northeast region and the presence of graduates in science teaching in this environment. The research began in 2014

and has produced two articles, which were published in 2014 and 2015. At the end we can better assess the possibilities and limits of action of science teacher in hospital classes.

Key - words: Hospital class, science teacher, School no space.

Introdução.

A classe hospitalar é um ambiente educacional onde o quadro de alunos é bem diversificado, as diferenças de idade e nível escolar são muito expressivas com estrutura emocional abalada, alguns mais avançados que outros, mas todos com marcas e, em muitos casos, não só físicas como também psicológicas causadas pela enfermidade, elas chegam assustadas, tímidas, às vezes com dor, com curativos ou soros (LINHEIRA, et al 2013). Esse contexto hostil é certamente desafiador para o educador que se propõe a lecionar para essas crianças, até mesmo porque as crianças não são obrigadas a frequentarem a classe, no entanto, vale ressaltar que as possibilidades que esse profissional encontra são motivadoras para o exercício da docência no hospital, tentaremos então descrever o que pode ser realizado pelo professor de ciências em classe hospitalar.

Os conteúdos curriculares trabalhados pelo professor de ciências em uma sala de aula de escola formal não diferem dos conteúdos que devem ser utilizados na sala de aula de uma classe hospitalar (CH), pois devem seguir orientações curriculares, nesse sentido, o ensino de ciências é uma práxis em que as diferentes explicações sobre o mundo, os fenômenos que ocorrem na natureza e as transformações produzidas pelo homem podem ser expostos, discutidos e comparados (BRASIL, p.22, 1997).

Vale ressaltar, que nesse espaço os professores, bem como alunos, estão inseridos no que podemos chamar de um prático laboratório, onde inúmeros temas da disciplina de ciências estão direta ou indiretamente presentes na vivência do aluno-paciente, potencializando o aproveitamento da CH no sentido de que há características peculiares do ambiente que favorecem o ensino de ciências, os quais devem ser levados em consideração, pois as mesmas beneficiam o processo de ensino aprendizagem e, portanto, devem ser empregadas pelo professor.

Diversos aparelhos, múltiplos tipos de exames, medicamentos, são alguns fatores que estão vinculados ao cotidiano das crianças e adolescentes em tratamento hospitalar e que podem ser utilizados pelo professor de ciências para abordar assuntos como substâncias químicas e seus elementos, a engenharia genética, os sistemas que compõem o corpo humano, elementos químicos presentes nos medicamentos, reações químicas fora e dentro do corpo, os reinos presentes na natureza, bem como enfatizando o reino protista vírus e bactérias, como esses seres agem nos organismos hospedeiros, ou seja, há uma grande variedade de assuntos possíveis para serem

trabalhados pelo professor de ciências contextualizando com a realidade do aluno, mas é importante destacar que o professor precisa ser cauteloso quanto ao uso de temas que tenham relação direta com a doença do aluno, como forma de poupar e até mesmo preservar as crianças que se encontram fragilizadas. Quanto a este aspecto, Linheira diz que:

O contexto hospitalar é um ambiente rico para se construir e discutir o uso de modelos. Alguns equipamentos utilizados em procedimentos permitem o estudo de biologia, física, química e matemática (LINHEIRA, 2006, p.47).

Podemos compreender que a ciência é algo que está muito presente na rotina diária desses alunos-pacientes, no diagnóstico, no tratamento, e entender como a ciência funciona é algo que certamente têm uma importância singular pra suas vidas, uma vez que buscam explicações para o que ouvem, veem e sentem.

Nessa perspectiva, o professor de ciências pode assumir um papel significativo nesse processo contínuo do desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes acometidas por circunstâncias que podem deixar marcas irreversíveis quanto a sua construção, mas o professor pode usar essas circunstâncias para garantir que essas marcas contribuam positivamente para a formação dessas crianças.

4.1 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA.

Para que fosse possível alcançar os objetivos do presente trabalho, foram entrevistadas duas pessoas, um professor licenciado em música, este ministra aulas de música em classes de três hospitais de Salvador-BA: Hospital Santa Isabel (HSI), Hospital Aristides Maltez (HAM) e Hospital São Rafael (HSR). Outra pessoa entrevistada e que também preencheu um questionário, foi uma ex-paciente que realizou tratamento no Hospital Universitário Oswaldo Cruz em Recife-PE, no período de março de 2006 até fevereiro de 2007. Foram ainda aplicados questionários com duas professoras pedagogas de classe hospitalar: uma atua no Hospital Martagão Gesteira (HMG), Salvador-BA e a outra no Hospital Universitário Oswaldo Cruz – PE. Dessa forma, nosso estudo empírico contou com a participação de quatro colaboradores, três educadores e uma ex-paciente; para preservar a identidade destes participantes, os seus nomes foram preservados e estes foram identificados respectivamente pelas siglas: PMCH (Professor de Música de Classe Hospitalar), EPHUOC (Ex-paciente do Hospital Universitário Oswaldo Cruz), PCH (Professora de Classe Hospitalar) seguida da sigla do hospital em que atua: PCH HMG e PCH HUOC.

As entrevistas, bem como aplicação dos questionários, foram realizadas pelo fato de entendermos

como necessário para enriquecer o trabalho teórico que já vínhamos desenvolvendo desde 2014.

CIÊNCIAS NO HOSPITAL MARTAGÃO GESTEIRA (HMG).

A classe hospitalar do Hospital Martagão Gesteira (HMG) atende em média 140 crianças por mês, crianças com faixa etária que variam de 04 a 15 anos. Para atender a essas crianças, a classe conta com a contribuição de cinco professores, quatro pedagogos e uma professora de música; não há professor de ciências ou de qualquer outra disciplina na classe do referido hospital. Diante desse breve levantamento surge então o questionamento, quem leciona as aulas de ciências e como são dirigidas as aulas de ciências?

Ao longo dos anos a Pedagogia adquiriu primazia nesse espaço, desde o surgimento da CH são os pedagogos que se destacam na atuação nesse espaço, logo, são eles que lecionam não só as aulas de ciências como das demais disciplinas.

Com relação ao questionamento levantado, acerca do responsável pelo ensino de ciências, a professora então nos informou que os próprios regentes (pedagogos) ministram essas aulas, e, apesar de não serem habilitados para ministrar aulas de ciências para adolescentes, ela afirma que os alunos pacientes demonstram satisfatório interesse pela disciplina: *"Quanto ao impacto do ensino de ciências na classe é considerado ótimo e atende suficientemente as necessidades dos alunos"*. (PCH, HMG). O comentário da professora seguiu com a seguinte afirmação: *"Falamos como pedagogas que atende ao ensino fundamental II"*. (PCH, HMG)

Mesmo avaliando como sendo ótimo o ensino de ciências na CH do HMG, não podemos deixar de observar que a mesma fala como pedagoga, que certamente busca responsabilmente suprir a ausência do professor de ciências, bem como das demais disciplinas; para que isso ocorra, procura realizar aulas teóricas e contextualizadas, mas vale ressaltar que a disponibilidade, assim como a responsabilidade da professora, não diminui a importância, muito menos a necessidade da presença e atuação do profissional da área de ciências nesse espaço.

CIÊNCIAS NA CLASSE HOSPITALAR DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO OSWALDO CRUZ (HUOC).

A classe do hospital do HUOC só foi inaugurada em março de 2015, e recebeu o nome de Classe Hospitalar Semear. A professora que atua desde o início na classe é formada em magistério, graduada em Serviço Social, Especializada em Psicopedagogia e Pedagogia Hospitalar. Em média (por mês) na classe são realizados 90 atendimentos pedagógicos hospitalares entre leito e classe, no leito quando alguns pacientes não podem se deslocar até a classe.

Atualmente não há professores de ciências ou de qualquer outra disciplina na CH do HUOC, portanto é a única professora atuante no espaço que ministra as aulas de ciências, quanto essas aulas a mesma afirma que:

É uma área de conhecimento que os estudantes / pacientes gostam muito dos conteúdos trabalhados, uma vez que desperta muito interesse e curiosidade (PCH-HUOC).

A professora relata que a classe atende crianças das séries iniciais, mas no questionário afirmou que a CH recebe crianças de 0 a 13 anos, ou seja, também adolescentes. A professora afirma ainda que aborda assuntos de ciências e que o interesse dos alunos-pacientes pela disciplina é considerado bom, quanto a metodologia utilizada pela mesma nas aulas de ciências ela responde:

Realizamos experiências simples com intuito de despertar a curiosidade e a motivação; num segundo momento fazemos pesquisas na internet e leitura de textos pela internet ou impresso e por fim, atividades impressas descritivas acerca da compreensão do conjunto de atividades realizadas (PCH, HUOC).

A metodologia aplicada segue o que podemos considerar de estratégia satisfatória, cuja prática e teoria no ensino de ciências parece apresentar um bom resultado quanto ao impacto causado pela disciplina na presente classe, no entanto, quando questionada sobre o impacto da disciplina de ciências na CH, ela afirma que é necessário, mas ainda tímido, e, para justificar afirma:

[...] enfatizamos no atendimento pedagógico hospitalar o ensino-aprendizagem de português e matemática em virtude do tempo pedagógico (PCH, HUOC).

O ensino de ciências não é menos importante que as demais disciplinas, pois esta é fundamental para a formação de um cidadão crítico e fundamental também para inserir esse cidadão em uma sociedade que valorizar o conhecimento científico.

EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NOS HOSPITAIS SANTA ISABEL (HSI), ARISTIDES MALTEZ (HAM) E SÃO RAFAEL (HSR).

Nas classes dos hospitais HSI, HAM e HSR em Salvador-BA funcionam com a cooperação de doze professores, sendo um professor licenciado em letras, três professores de música e os demais

pedagogos. Realizamos entrevista com um dos professores de música, que leciona nas classes dos três hospitais mencionados.

Quando foi questionado sobre se os resultados obtidos nas classes que o mesmo atua têm sido satisfatórios, ele então responde que sim e justifica mencionando a aprendizagem dos alunos e os efeitos proporcionados pelo ensino de música na classe hospitalar (PMCH). Esses efeitos estão atrelados não somente aos alunos pacientes que demonstram empenho, bem como alegria ao participarem das aulas, mas causa efeitos também nos docentes que atuam nesse espaço, efeitos de humanismo, amizade, cumplicidade, sensibilidade, e compromisso com aquilo que fazem, os efeitos relevantes apontam para resultados concretos no processo de ensino aprendizagem, onde ambas as partes são beneficiadas, com isso se faz indispensáveis ampliar as possibilidades nesse contexto hospitalar. Matos e Mugiatti (2009) dizem que:

Ações se encontram fragmentadas – ruge, portanto, que a partir desses novos eventos se inicie a concretização da pretendida e possível desfragmentação, numa integradora reunião de forças, com vistas à otimização do trabalho conjunto em favor da criança hospitalizada. (MATOS, MUGIATTI, p.156, 2009)

Um dos maiores, se não o maior passo a ser dado para que ocorra essa “desfragmentação”, é justamente propor e divulgar por meio de pesquisa as possibilidades, assim como a importância da presença de demais licenciados nesse espaço. Concernente ao ensino de ciências nas classes dos três hospitais já mencionados, o PMCH afirma que não há professores de ciências atuando nessas classes, ao perguntá-lo quem leciona as aulas de ciências ele responde: “*Como a prioridade é ensino infantil e Ens. Fundamental, são professores pedagogos [...]*”. (PMCH).

As demandas educativas das CH, caracterizam-na como um espaço rico em perspectivas e oportunidades para atuação do professor de ciências, que anseia contribuir com a difusão da educação científica no ambiente hospitalar, contudo, é importante ressaltar que as classes atendem crianças e adolescentes e que o fato da prioridade em atendimento ser para o ensino infantil e fundamental não significa que é desnecessária a presença do professor de ciências no espaço. Quando questionado sobre quais contribuições o PMCH acha que o professor de ciência traria pra CH ele responde que:

Então... as contribuições são diversas por que... A ciência está muito relacionada com o que as crianças estão vivendo, com o que elas estão passando mesmo. (PMCH)

Dessa maneira, proporcionar o ensino de ciências é mais que garantia de direito, é tornar conhecido aquilo que é desconhecido, é proporcionar ao aluno paciente conhecimento sobre o seu próprio corpo e o que está em volta dele.

CONSEQUÊNCIAS DA AUSÊNCIA DO PROFESSOR DE CIÊNCIAS NA CLASSE HOSPITALAR.

Implantada em Março do ano de 2015, a CH do HUOC atende em média 90 crianças por mês; o fato de possuir apenas um ano em funcionamento nos permite afirmar que as crianças e adolescentes hospitalizados no período de 1950 (quando surge no Brasil a CH) a 2015 (quando é inaugurada a CH) no HUOC não participaram dos serviços educativos oferecidos pela classe hospitalar, esse fato pode ter contribuído para o aumento do índice de evasão escolar significativo e conseqüentemente atraso no ano letivo. Em decorrência desse aspecto, nossa entrevista foi realizada com uma ex-paciente do Hospital Universitário Oswaldo Cruz (EPHUOC).

Na época EPHUOC tinha apenas 13 anos de idade, quando iniciou seu tratamento no hospital no mês de março do ano de 2006, cujo término ocorreu em fevereiro de 2007. Quando EPHUOC foi questionada sobre como ela conciliou o tratamento com a escola, ela afirmou que não conseguiu conciliar, o que a levou a perder o ano letivo porque necessitou se ausentar, o tratamento seguia um ciclo de 21 dias, então ela explica como funcionava o ciclo de 21.

No período da quimioterapia eu comecei o tratamento em março, ai eu me internava, passava cinco dias internada, um dia de hidratação três dias de quimioterapia, um dia de hidratação, ia pra casa¹ recebia alta do hospital, né?

Ai eu ia pra casa e passava um dia em casa, ai um dia...ia no outro dia pro hospital ai ficava nesse ciclo até fazer dezoito dias, quando fazia dezoito dias eu recebia três dias de alta pra vir pra Petrolina, ai passava três dias em Petrolina ai voltava pra Recife pra começar mais um ciclo de 21. (EPHUOC)

Os três dias de alta que a EPHUOC recebia para ir à cidade onde reside não eram suficientes para recuperar os demais dias de aula perdidos, o que resultou na perda do ano letivo. A criança é também um cidadão e como qualquer outro cidadão, tem o direito de ter suas necessidades atendidas ainda que com a saúde fragilizada (FONSECA, 2003, p.16). Não foi o que aconteceu com a EPHUOC, quando perguntei que benefícios a CH traria para ela, caso na época do seu tratamento a classe funcionasse, ela respondeu: *"Se na época tivesse, eu não teria perdido o ano letivo e também era uma forma de esquecer o tratamento que era muito sofrido"*. (EPHUOC).

Esse depoimento ratifica a nossa compreensão de que a CH assume também um papel de agente que proporciona alívio para a criança, a qual está cansada por estar submetida a inúmeros procedimentos médicos, e assim almeja momentos de descontração, alegria, motivação, distração e aprendizagem. Considerando que a partir do momento do diagnóstico, uma criança hospitalizada precisa se ausentar do convívio com a família, amigos e escola, o seu ingresso numa CH poderá ser de extrema importância para a superação dos seus problemas e manter o seu desenvolvimento cognitivo. A proposta da CH é justamente oferecer para essas crianças a continuidade nos estudos, o apoio emocional, a segurança, a confiança, a afetividade e acolhimento, pois fazem parte desse ambiente, visto como um espaço não formal de escolarização (RODRIGUES, p.54, 2012).

Em nosso levantamento sobre a presença de classes hospitalares na região do nordeste foram encontrados 26 hospitais com CH, esses hospitais estão distribuídos em cinco, dos nove estados nordestinos, como mostra a tabela abaixo:

ESTADO DO NORDESTE	QUANTIDADE DE CH
Sergipe	2
Rio Grande do Norte	6
Maranhão	1
Ceará	3
Bahia	14
TOTAL	26

Tabela 1:
Classe Hospitalar na região Nordeste.
Fonte:

FONSECA, 2014 O estado de Pernambuco não consta no levantamento realizado por FONSECA, 2014, pois como já mencionado a CH do HUOC só foi inaugurado no ano de 2015, o que nos permite reformular o quadro acima.

ESTADO DO NORDESTE	QUANTIDADE DE CH
Sergipe	2
Rio Grande do Norte	6
Maranhão	1
Ceará	3
Bahia	14
Pernambuco	1
TOTAL	27

Tabela 2:
Classe Hospitalar na região Nordeste.
Fonte:
FONSECA,

2014 Fonte: <http://santoamaronoticias.com.br>

Com a inauguração da CH do HUOC em Março de 2015 passaram a funcionar no nordeste 27 hospitais com atendimento escolar hospitalar, distribuídos em seis, dos nove estados da região, ou seja, grande parte do nordeste garante direito a continuidade do processo de ensino aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados, embora este serviço não tenha sido encontrado por

nosso levantamento no Piauí, Alagoas e Paraíba, os quais poderão também implementar futuramente suas unidades de CH. Esse resultado permite ao licenciado em ciências vislumbrar um novo horizonte para sua inserção e atuação profissional.

RESULTADOS.

Com a realização da pesquisa empírica podemos destacar pelo menos três pontos que fundamentam a relevância da CH, bem como da importância do professor de ciência atuando na mesma.

O primeiro ponto é a presença de CH em seis dos nove estados do nordeste, o que explicita a presença de um novo campo para a sua atuação, e, conseqüentemente, garantia de continuidade da escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados em hospitais de referência em tratamento pediátrico em duas capitais da região nordestina.

O segundo ponto é a ausência de licenciados em ciências exercendo a docência nesse espaço. Os profissionais que atuam nas classes, como foi bem enfatizado pelos participantes, buscam com seriedade, competência e responsabilidade suprir a ausência do professor de ciências, de modo que os alunos demonstram gostarem dessas aulas, o que não significa que a presença do professor de ciências em CH é algo desnecessário, muito pelo contrário.

Baseado no depoimento da ex-paciente do HUOC, destacamos o terceiro ponto, em que a classe assume também a função de proporcionar alívio para o sofrimento causado pelo tratamento, assim como pela ausência dos familiares e amigos do aluno-paciente.

As respectivas pontuações contribuem para o estudo desse espaço promissor, no entanto, este é ainda timidamente conhecido, precisando ser investigado com a perspectiva de divulgar suas possibilidades e contribuir para melhorias no serviço educacional oferecido nas CH.

Com o resultado final deste trabalho foi possível perceber a importância da CH, a necessidade de professores de ciências, bem como apontar que esse espaço precisa da presença desse profissional, assinalando alguns dos desafios que esse educador poderá enfrentar, quais são as perspectivas que o mesmo poderá almejar e as ações possíveis de serem executadas: dessa forma, esperamos contribuir para a expansão do campo de atuação de licenciados em ciências, cooperando com a multidisciplinaridade da educação na CH e com a abertura de novas linhas de estudo e pesquisa no campo da educação científica em CH.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação

Especial **L.política nacional de educação especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994 BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar : estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília : MEC ; SEESP, 2002. 35 p. BRASIL. Ministério da Educação **Estatuto da criança e do adolescente no Brasil**.Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.136p. CUNHA, Eudes Oliveira; CARMO, Rosângela Silva do. **Encontro musical em escola hospitalar: um estudo das representações sociais**. XX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Vitória, 2007. FERREIRA, Helena Perpetua de Aguiar. **O pedagogo na associação de apoio aos portadores de câncer de Mossoró e região: práticas pedagógicas e os percursos formativos**. Mossoró, RN, 2013. FONSECA, Eneida Simões da.**Hospitais com escolas e atendimento domiciliar para crianças doentes**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em <www.

escolahospitalar.uerj.br

>

Acessado em 25 nov. 2015. FONSECA, Eneida Simões da.**Classe hospitalar e atendimento escolar domiciliar: direito de crianças e adolescentes doentes**. Revista Educação e Políticas em Debate – v. 4, n.1 – jan./jul. Rio de Janeiro, 2015. FONSECA, Eneide Simões da.**Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas**. Rio de Janeiro, 2002. FONSECA, Eneida Simões da.**Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional**. Brasília: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa,1999. FONSECA, Eneida Simões da.**Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003. FONTES, Rejane de Souza. **As possibilidades da atividade pedagógica como tratamento sócio-afetivo da criança hospitalizada**. Rev. Portuguesa de Educação,n19(1), p.95-128, Universidade do Minho/Portugal,2006. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.mec.gov.br)

[mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

. LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, Adriana. **Desafios para o Ensino de Ciências na Classe Hospitalar: Relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores**. Ciência & Educação (Bauru), vol. 19, núm. 3, 2013. São Paulo. LINHEIRA, Caroline Zabendzala. **O ensino de ciências em classe hospitalar: Um estudo de caso no Hospital Infantil Joana de Gusmão**. 2006. Dissertação (mestrado em Educação Científica e Tecnológica) Universidade Federal de Santana Catarina, Florianópolis,2006. MATOS,

Elizete Lucia Moreira, MUGIATTI, Margarida M.T. de Freitas. **Educação hospitalar**. São Paulo; Vozes Editora, 2009, 181p. MEDINA, N.M. **Elementos para a introdução da dimensão ambiental na educação escolar**. In: **Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental**. Brasília 1994. MOHR, Adriana; SANTOS, Débora dos. **O ensino de ciências na classe hospitalar: identificação da literatura e análise da temática presente nos artigos**. Santa Catarina, 2005. ORTIZ, Leodi Meirelles. FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe hospitalar: um olhar sobre a práxis educacional**. Ver. Bras.Est.pedag.Brasilia.v.82,n.200/201/202,p.70-77.Jan/Dez.2001. RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classes hospitalares: o espaço pedagógico e nas unidades de saúde**. Rio de Janeiro, 2012. SANTOS JUNIOR., Reginaldo Pereira dos. **Educação Corporativa em Salvador: Contrastes entre Espaços (In)formativos e Atuação dos Profissionais de Educação**.138f. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Orientadora: Profa Dra. Teresinha FróesBurnham. VIEIRA, Barbara de Cássia Ribeiro. LERENZONI, Luciana de Souza. GOBBO, Sâmia D´AngeloAlcuri. et al. **A importância da experimentação em ciências para a construção do conhecimento no ensino fundamental**. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v 9, n16, p. 2276. **Sites** www.escolahospitalar.uerj.br

(
Acessado em 25 /11/ 2015) [http://](http://www.lbcc.org.br/hospital.php)

www.

lbcc.org.br

/hospital.php

(
Acessado em 13/07/2015) [http://](http://www.hospitalsantaizabel.org.br/index.php/o-hospital/institucional)

www.

hospitalsantaizabel.org.br

/index.php

/o-hospital/institucional (

Acessado em 13/07/2015) [http://](http://www.hsaorafael.com.br/quem_somos.htm)

www.

hsaorafael.com

.br

/quem_somos.htm

|
(
Acessado em 13/07/2015) [http://](http://www.hsaorafael.com.br/quem_somos.htm)

www.

mprs.mp.br

/infancia/legislacao/id2178.htm

(acessado em 15/08/2015) <http://>

www.

planalto.gov.br

/ccivil_03/leis/L8069.htm

(acessado em 15/08/2015) <http://>

www.

upe.br

/santoamaro/huoc/ (acessado em: 04/02/2015)

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: